

Inadimplência cresce 17% em um ano e afeta 44% dos adultos

Conjuntura Pessoas com financiamento em atraso apelam para modalidades como cartão e cheque especial e correspondem a 43% da população adulta

Inadimplente busca crédito para pagar dívidas vencidas

Marsília Gomhata
De São Paulo

A combinação de inflação ainda persistente e taxa de juros em patamar alto tem levado famílias a um limbo cada vez mais endividada, se vem com menos condições para sanar crédito. Como o número recorde de pessoas inadimplentes, a demanda por crédito para sanar as contas continua em patamar elevado, enquanto os empréstimos para aquisição de outros bens têm decrescido.

Dados da Serasa Experian e do Banco Central mostram que aqueles que não conseguem honrar suas dívidas ainda buscam modalidades como cheque especial e rotativo de cartão de crédito, mas têm demandado menos recursos para aquisição de bens como veículos e imóveis. O programa Desentrola, lançado recentemente pelo governo federal para dívidas de pessoas físicas, pode trazer certo alívio às famílias, segundo economistas.

Em abril deste ano havia 71,4 milhões de consumidores inadimplentes, ante 70,7 milhões no mês anterior, o que representa um ano antes, segundo últimos dados disponíveis da Serasa Experian. No total, são R\$ 340,6 bilhões em dívidas negativas, ou seja, que não foram pagas.

Hoje bancos e cartões respondem por 31,6% do total das dívidas. Serviços públicos, com exceção de telefonia, representam 21,6%, varejo, 11,3%, e telefonia, 5,3%. Somadas as dívidas não honradas com cartões de crédito e instituições financeiras, que compõem o setor financeiro, chegaram a 46,7% do total em abril.

O total de inadimplentes atual representa 43,8% da população adulta. Os mais endividados são os grupos etários de 26 a 40 anos (25,2%) e 41 a 60 anos (24,5%).

No Distrito Federal, 52,5% da população adulta está inadimplente em abril, no Rio de Janeiro, 52,2%, em São Paulo, 45,7%. Na Bahia eram 41,3%, no Estado de Minas Gerais, 39,6%.

Com mais consumidores sem conseguir pagar as dívidas, a demanda do consumidor por crédito vem diminuindo. O Indicador Serasa Experian de Demanda do Consumidor por Crédito mostra que, após forte alta em janeiro, a busca caiu 17,7% em abril, na comparação com o mês anterior.

Quando se compara com o mesmo período do ano passado, a queda fica mais clara. A demanda por crédito contra de 3,5% em janeiro para 13,6% em fevereiro, 12% em março e 24% em abril.

Em relação à média de 2022, em janeiro houve alta de 3,7% da demanda do consumidor por crédito. Em fevereiro, queda de 14,1%, em março, diminuição de 2,9%. Em abril, essa queda acentuou-se e chegou a 20,1% em relação à média do ano passado. Os mais endividados têm renda mensal pessoal maior que R\$ 10 mil.

Para Luiz Rabi, economista da Serasa Experian, a alta de inadimplentes e a demanda menor por crédito são explicadas pelo ciclo de aperto monetário, com duplo efeito para os consumidores.

"O aumento da taxa de juros não foi de graça. Antes dele houve um vazio inflacionário, e esse foi o principal causador da inadimplência, que começou a subir em outubro de 2021. Com o custo de vida mais intenso, o consumidor tem mais dificuldade de pagar as contas", afirma. Ele observa que inadimplência vem desacelerando, mas ainda está alta — passou da taxa de crescimento anual de 10%, há seis meses, para atuais 8%.

O segundo efeito desse ciclo advém da própria alta dos juros, afirma Rabi. "O Banco Central aumen-



Luiz Rabi: "A inadimplência sobe de elevador e desce de escada"

Com a corda no pescoço

Indicador Serasa Experian de Inadimplência do Consumidor

| Mês | Consumidores inadimplentes (em milhões) | Dívidas negativas (R\$ bilhões) | Porcentagem da população adulta | Dívida média (em R\$) |
|---------|---|---------------------------------|---------------------------------|-----------------------|
| jan-22 | 64,0 | 290,7 | 40,3 | 4.022,52 |
| fev-22 | 65,2 | 263,4 | 40,5 | 4.042,00 |
| mar-22 | 65,7 | 268,8 | 40,8 | 4.046,31 |
| abr-22 | 66,3 | 271,6 | 41,0 | 4.037,33 |
| maio-22 | 66,6 | 278,3 | 41,3 | 4.179,51 |
| jun-22 | 66,8 | 281,4 | 41,4 | 4.211,83 |
| jul-22 | 67,0 | 280,7 | 41,8 | 4.253,26 |
| ago-22 | 68,0 | 289,5 | 42,0 | 4.258,26 |
| set-22 | 68,4 | 299,7 | 42,2 | 4.324,42 |
| out-22 | 69,1 | 301,5 | 42,6 | 4.366,98 |
| nov-22 | 69,8 | 311,0 | 43,0 | 4.453,79 |
| dez-22 | 69,4 | 312,0 | 42,8 | 4.493,91 |
| jan-23 | 70,1 | 325,3 | 43,1 | 4.632,28 |
| fev-23 | 70,5 | 329,7 | 43,4 | 4.633,78 |
| mar-23 | 70,7 | 334,6 | 43,4 | 4.731,62 |
| abr-23 | 71,4 | 340,6 | 43,8 | 4.762,20 |

Fonte: Serasa Experian

tou a taxa de juros, e o impacto imediato disso é encarecer o crédito, desaquecer a economia para que a desinflação ocorra. A demanda por crédito acaba caindo. Pessoas que estavam pensando em financiamento de carro ou imóvel, agora veem que a prestação não cabe mais no bolso", afirma. "As pessoas não estão deixando de tomar crédito, mas sim demandando em menor ritmo. E o que vemos, então, é um esfriamento no mercado de crédito e um aumento da inadimplência".

Rabi observa que, apesar da queda de crédito para bens como imóveis e veículos ou empréstimo pessoal, continua crescendo a demanda para o crédito rotativo do cartão e para o cheque especial. "Em geral, são linhas de curto prazo, com juros estruturais, com crédito pré-aprovado e inadimplência muito alta. E onde há crescimento neste ano", afirma. "As outras linhas estão devagar que parando. E só voltaria a crescer quando os juros caírem".

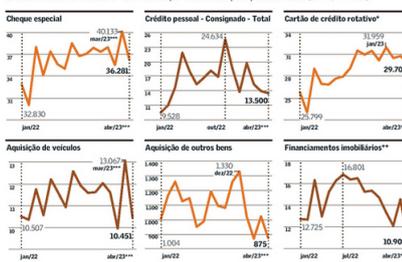
A Nota de Crédito do Banco Central do fim de maio mostra que a concessão de crédito para pessoas físicas na modalidade cheque especial bateu recorde em março, chegando a R\$ 40,13 bilhões, maior nível desde o início da série, em março de 2011.

Em abril foram R\$ 36,28 bilhões. Apesar da queda de 10,6% ante março, a cifra representa alta de 18% no período de 12 meses e crescimento de 11% no acumulado deste ano.

No crédito rotativo do cartão houve recorde no início do ano. A concessão chegou a R\$ 31,55 bilhões em janeiro. O volume vem caindo de forma lenta. Em abril ficou em R\$ 29,70 bilhões, queda de 3,5% ante março, mas alta de 35,9% no período de 12 meses. De janeiro a abril, a concessão de crédito rotativo para o cartão cresceu 17,3%.

Bens em baixa, dívidas em alta

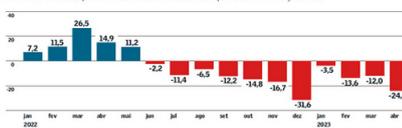
Crédito do sistema financeiro - Concessões por modalidade para pessoas físicas (em R\$ milhões)



Fonte: Banco Central do Brasil. *Total, excluindo crédito de longo prazo. **Excluindo crédito de longo prazo e RCTs. Endereços e telefones de aquisição de imóveis, aquisição de veículos para construção civil e demais. Realizado sob avaliação. ***Cálculo em milhões.

Endividamento e juros inibem apetite por crédito

Indicador Serasa Experian de Demanda do Consumidor por Crédito - Variação anual



Fonte: Serasa Experian

Esse dinheiro, afirma Coli, tem sido usado para a compra de bens essenciais como comida e mais para pagar dívidas.

As finanças também têm sido um caminho buscado como alternativa aos meios tradicionais para sanar dívidas. A Open Co registrou em janeiro deste ano, ante janeiro de 2021, aumento de 42% de clientes que buscaram o socorro por não conseguir pagar integralmente a fatura do cartão de crédito.

"Temos de separar dívida de crédito. Crédito é algo superpositivo, uma ferramenta financeira importante quando se precisa comprar um bem ou obter algo inesperado", diz Rafael Pereira, cofundador da Open Co.

"Mas o que temos visto no Brasil são pessoas usando o crédito de forma não saudável, para financiar o supermercado do dia a dia, por exemplo. Se usou o crédito para bancar o orçamento corrente, sinal de que não tem capacidade de arcar com ele e, na verdade, não deveria ter esse orçamento", argumenta.

Pereira aponta como principal motivo para o crescimento desse fenômeno a perda de poder aquisitivo por estagnação econômica e inflação alta, em um cenário de juros altos. Nos últimos meses, ele afirma, a fintech tem visto aumento importante de pessoas que alimentam o ciclo de tomar crédito para pagar crédito.

"Temos visto uma compressão da renda disponível das famílias e, em vários pontos, a perda de capacidade de arcar com ele e, na verdade, não deveria ter esse orçamento", argumenta.

Pereira aponta como principal motivo para o crescimento desse fenômeno a perda de poder aquisitivo por estagnação econômica e inflação alta, em um cenário de juros altos. Nos últimos meses, ele afirma, a fintech tem visto aumento importante de pessoas que alimentam o ciclo de tomar crédito para pagar crédito.

"Temos visto uma compressão da renda disponível das famílias e, em vários pontos, a perda de capacidade de arcar com ele e, na verdade, não deveria ter esse orçamento", argumenta.

Pereira aponta como principal motivo para o crescimento desse fenômeno a perda de poder aquisitivo por estagnação econômica e inflação alta, em um cenário de juros altos. Nos últimos meses, ele afirma, a fintech tem visto aumento importante de pessoas que alimentam o ciclo de tomar crédito para pagar crédito.

"Temos visto uma compressão da renda disponível das famílias e, em vários pontos, a perda de capacidade de arcar com ele e, na verdade, não deveria ter esse orçamento", argumenta.

Pereira aponta como principal motivo para o crescimento desse fenômeno a perda de poder aquisitivo por estagnação econômica e inflação alta, em um cenário de juros altos. Nos últimos meses, ele afirma, a fintech tem visto aumento importante de pessoas que alimentam o ciclo de tomar crédito para pagar crédito.

"Temos visto uma compressão da renda disponível das famílias e, em vários pontos, a perda de capacidade de arcar com ele e, na verdade, não deveria ter esse orçamento", argumenta.

"Temos visto uma compressão da renda disponível das famílias"

Rafael Pereira

com várias parcelas do 'arras' e feijão' vencendo, as pessoas pagam dinheiro emprestado para pagar essas parcelas", afirma.

No último ano, a fintech Contafuturo viu aumento de 300% da demanda de serviços que oferecem como o zero débito, que recupera a dívida do cartão de crédito reduzindo os juros em 75%, e o pontão salário de antecipação salarial.

"Buscamos fazer com que essa dívida entre no fluxo de capacidade de pagamento dessas pessoas", afirma Felipe Gomes, CEO da Contafuturo. "Hoje cerca de 40% desse dinheiro vai para pagar moradia, como aluguel ou financiamentos imobiliários, 30% para serviços públicos, e 30% para a compra de alimentos e suprimentos básicos para conseguir passar o mês".

A última Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic), da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), mostrou que o percentual de famílias com dívidas a vencer estava em 78,3% em maio, ante abril. Desde 2018, se consideram muito

endividados, maior percentual desde agosto de 2022.

Houve queda da proporção de endividamento entre os mais pobres e os mais ricos, enquanto o percentual de endividados aumentou nas classes médias. Na comparação anual, no entanto, o endividamento cresceu em todos os grupos. O padrão se repete quando se observa o nível de inadimplência.

No início do mês o governo federal lançou o programa Desentrola, para renegociação de dívidas de pessoas físicas de até R\$ 5 mil. A expectativa, afirma Rabi, é que o programa de certo alívio às famílias inadimplentes.

"A renegociação da dívida é a forma mais fácil de lidar [com a inadimplência das famílias]. É muito difícil quem deve sair pagando todos [para quem deve] à vista. Se pudesse fazer-lo, não teria ficado inadimplente", afirma. Ele prevê que a situação das famílias deve melhorar de forma mais consistente quando a inflação estiver consistentemente mais baixa e os juros caírem. Mas isso ocorrerá de forma lenta.

"A inadimplência sobe de elevador e desce de escada. Estragar a situação financeira de uma pessoa é muito fácil. Consumidor é difícil", argumenta Rabi.

"Mesmo que os juros comecem a cair em agosto, a inadimplência pode começar a se estabilizar no início do segundo semestre e, se tudo der certo, a cair a partir do quarto trimestre deste ano".

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Brasil Caderno: A Pagina: 5